

LAUREN LAYNE

Imperfeitos

RECOMEÇOS — LIVRO II

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

PA
RA
LE
IA

Copyright © 2015 by Lauren LeDonne
Tradução publicada mediante acordo com Flirt, um selo da Random
House, uma divisão da Penguin Random House LLC.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL *Crushed*

CAPA Marina Avila

FOTO DE CAPA olesiobilkei/ iStock

FOTO DE QUARTA CAPA im_photo/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Andréa Bruno

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Layne, Lauren

Imperfeitos / Lauren Layne ; tradução Lígia Azevedo.
— 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2019.

Título original: *Crushed*.

ISBN 978-85-8439-138-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

19-24021

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoaleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Para Nicole Resciniti e Sue Grimshaw, meus campeões.

Prólogo

MICHAEL

Faz seis meses que troquei Manhattan por Cedar Grove, Texas.

Faz seis meses que troquei ternos Armani por jeans Levi's, mocassins Gucci por botas de caubói, e uma cobertura na Quinta Avenida por um estúdio minúsculo em um porão.

Faz seis meses que deixei Wall Street para trás e fui ser lacaio de clube de campo e, de vez em quando, bartender.

Faz seis meses que aprendi que Michael St. Claire é uma mentira. Que o sangue St. Claire não corre pelas minhas veias. Meu primeiro nome ainda me pertence. Mas o meu sobrenome é pura fachada. Foi imposto a mim pela infidelidade descuidada de uma mulher e o orgulho de um homem.

Um homem que não é meu pai.

Faz seis meses que traí meu melhor amigo.

Seis meses que me afastei dela. Não. Que ela se afastou de mim.

E mais que isso... Mais que tudo isso...

Faz seis meses que não me importo.

Com nada.

1

MICHAEL

“A parte de trás da sua camisa está pra fora.”

Viro-me com um sorriso torto de gratidão para a loira que acabou de sair do banheiro unissex das quadras de tênis do Clube de Campo Cambridge.

Ela dá uma risadinha enquanto passa a mão pela saia, alisando-a sobre as coxas bronzeadas e tonificadas. “Nem acredito que deixei você me convencer a fazer isso num banheiro público.”

Sei. Até parece. Não convenci Mindy McLaughlin a nada. Tudo, da localização à posição, foi ideia dela.

Mas não falo nada.

Se aprendi alguma coisa em meu primeiro mês como professor de tênis de ricos e ricos, é que mulheres mais velhas não gostam de ser lembradas de que são as responsáveis pela parte da caça.

Dou uma piscadela para ela enquanto enfio a camisa para dentro da calça, antes de passar os olhos pelas quadras para me certificar de que não temos nenhuma testemunha para o fato de que passamos os primeiros vinte minutos da aula de uma hora trepando apoiados na parede da cabine do banheiro.

Por sorte, é quase meio-dia e está quente pra caramba. A maior parte das pessoas frequenta as quadras de manhã ou nem aparece.

Mindy me segue até os bancos, onde recuperamos nossas raquetes. “Vamos terminar?”, pergunto.

Ela solta uma risadinha baixa e passa as unhas pintadas de rosa pela minha polo branca. “Achei que já tínhamos terminado.”

Ignoro isso e levanto a bola de tênis de forma interrogativa.

“Está quente”, ela choraminga.

Está mesmo. Quente demais para jogar tênis. Ainda restam quarenta minutos de aula, mas não fico surpreso que Mindy queira desistir. Ambos sabemos que ela não veio para jogar.

E não me importo. Odeio tênis. Só trabalho nas quadras três dias por semana, e minhas aulas ficam lotadas de mulheres que provavelmente jogam melhor do que eu.

Sou só razoavelmente decente no tênis porque, antigamente, eu era o aluno mimado, e não o professor. Mas não gosto de tênis. Não sou como os outros babacas que trabalham aqui e ficam se gabando de que poderiam ter se tornado profissionais.

Sei muito bem que não fui contratado graças às minhas habilidades no esporte. Cresci no Upper East Side de Manhattan e aprendi cedo que mulheres casadas da indolente classe alta se entediam com facilidade. E em geral elas lidam com o tédio transando com outros homens que não os maridos.

Para minha sorte, durante a maior parte da minha vida me mantive alheio ao fato de que minha própria mãe se incluía na categoria de donas de casa infieis.

A ignorância realmente é uma bênção.

Mas quando ela acaba...

O inferno vem à tona.

“Mesmo horário semana que vem?”, Mindy pergunta, vindo na minha direção e erguendo o rosto.

Sei o que quer. Um beijo que não tenho nenhuma intenção de dar. Desvio-me para deixar a raquete e a bola no banco.

“Posso te pagar uma bebida?”, ela pergunta, fazendo um alongamento desnecessário, que só serve para que sua blusa branca fique esticada por cima de seus peitos enormes — e definitivamente falsos.

Pelo mais breve momento, fico surpreendentemente entediado, mas me forço a abraçar o tédio.

“Não, obrigado. Tenho outra aula depois.”

“E amanhã? Estava pensando em fazer mais uma aula por semana. Pra não perder o jeito.”

Minha nossa. Sério?

“Não posso”, digo. “Vou trabalhar na academia amanhã. Eu alterno as aulas de tênis com o trabalho de personal trainer.”

Gosto muito mais da segunda opção, porque envolve ar-condicionado.

Os olhos de Mindy se iluminam em uma mistura de interesse e competitividade. “Conheço alguma das suas alunas?”

Metade deve ser do clube do livro, do grupo de estudo da Bíblia ou da associação de caridade dela.

Transei com boa parte delas também, e é óbvio que Mindy McLaughlin quer conhecer a concorrência.

“Bom”, ela diz, inclinando-se para a frente quando não respondo. “Se decidir tirar uma folguinha, já sabe pra quem ligar.”

“Claro”, digo, com um olhar lânguido que sempre agrada as mulheres.

Bom, com exceção de uma. A única que importava.

Em geral, eu ficaria mais do que satisfeito em me atrasar para a próxima aula para dar mais um trato em Mindy e ajudá-la a esquecer que é casada com um juiz influente e barrigudo.

Mas ela tem uma desvantagem intransponível hoje.

Porque hoje é quarta-feira.

E, às quartas, tenho uma aluna que desejo mais do que Mindy McLaughlin.

Depois de mais algumas investidas malsucedidas, Mindy finalmente desiste, ainda que eu saiba que semana que vem ela vai voltar com tudo. Saia mais curta, batom mais forte, convites mais descarados.

Olho para a bunda dela apenas por hábito quando vai embora, enquanto passo a toalha no rosto e mato uma garrafa de água em três goladas.

Uma última aula antes de escapar para o Pig and Scout, o bar em que trabalho algumas noites da semana. Em geral, conto as horas para ir para lá. É uma folga bem-vinda dessa pretensão toda.

Mas hoje...

Hoje é quarta. E, às quartas, não tenho tanta pressa.

Apesar do que os outros caras acham de suas habilidades, sei que o intuito dos professores de tênis do clube é agradar as mulheres. É espe-

rado que sejamos musculosos, ligeiramente perigosos e pouco apegados à moral.

Não tenho nenhum problema com isso, especialmente a última parte, ainda que canse um pouco com o tempo.

Minha hora semanal com Kristin Bellamy faz tudo valer a pena.

De canto de olho, eu a noto se aproximando, mas não me viro para olhá-la de propósito, mesmo com discrição.

Mulheres de quarenta e dois anos como Mindy McLaughlin estão sempre com medo de perder a beleza. Precisam da confirmação de que ainda são notadas.

Mas garotas de vinte e dois anos como Kristin Bellamy *sabem* que são bonitas.

O truque para fazê-las balançar é deixá-las se perguntando se você as notou.

“Oi, Michael.”

Viro-me para olhá-la, mantendo a expressão indiferente. “Kristin.”

É, eu com certeza a notei.

Ela está usando um top branco e uma minissaia de tênis também branca. Tenho certeza de que o clube tem algum tipo de regra que exige que os sócios usem um pouco mais de roupa, mas, considerando que este lugar é administrado por um bando de velhos babões, duvido que vão mandar Kristin cobrir a barriga bronzeada e torneada e os peitinhos arrebitados.

Meus olhos não se demoram em seu corpo, voltando logo ao rosto. Kristin não parece se importar com o fato de eu não ter dado uma con ferida nela.

Estamos nesse jogo há semanas.

Não tenho ideia de quem está vencendo.

Mas sei onde vai terminar: na cama. Ou onde for.

Kristin é a primeira garota por quem me interesse — de verdade — desde Olivia Middleton, a única mulher que de fato quis na vida e, definitivamente, a única que amei.

Não tenho nenhuma intenção de me apaixonar por Kristin. Não planejo passar por aquilo de novo.

Mas o desejo existe. E não só porque ela é gata. Kristin está ligada à própria razão de eu ter vindo para o Texas.

“Vi Mindy no caminho pra cá”, ela diz, dando uma giradinha na raquete ao se aproximar. “Foi tudo bem na aula? Ela pareceu meio irritada.”

Jogo a toalha de lado e dou de ombros. “Está quente. Todo mundo fica à flor da pele.”

“Está mesmo”, ela concorda, apoiando a raquete no banco para prender o cabelo escuro e comprido em um rabo de cavalo alto. “Foi difícil até me vestir hoje de manhã.”

E olha que você mal está vestida, é o que tenho vontade de dizer. Mas não digo. Só finjo não notar a maneira como sua postura atual destaca as curvas da sua cintura.

Kristin não tem nada a ver com Olivia. É uma morena de olhos castanhos e intrigantes, enquanto Olivia é loira e tem olhos verdes e ternos. Mas ambas têm a mesma combinação de doçura e altivez, o mesmo corpo em forma das garotas ricas, o mesmo sorriso tímido e confiante.

Kristin passa a ponta dos dedos distraidamente sobre o abdome nu. Quase sorriu diante desse gesto tão óbvio.

Ao mesmo tempo que quero puxá-la para mim e lhe dar o beijo que está pedindo tão descaradamente, também quero baixar a bola dela. Dizer que ela não é nada para mim, mas talvez represente uma chance de me redimir do meu passado, a chave que me falta para meter o pé na porta do meu futuro.

Kristin Bellamy não é nada além de um lembrete da sensação de desejar alguém.

“Podemos começar?”, pergunto.

“Claro”, ela diz, jogando o cabelo preso por cima do ombro. “Vou ser capitã do time ano que vem. Preciso treinar muito.”

“É seu último ano?”, pergunto, ainda que não esteja nem aí.

“É”, ela confirma.

Alguém dá uma risadinha desdenhosa atrás de mim. Fico surpreso ao me dar conta de que não estamos sozinhos.

“O segundo último ano”, diz a recém-chegada, acomodando-se no banco como se fosse seu lugar.

“Como assim?”, pergunto, ainda tentando entender de onde foi que a garota apareceu.

Ela acena com a cabeça na direção de Kristin. “Ela já fez o último ano. E vai fazer de novo.”

Viro-me para Kristin e noto que dirige um olhar mortal à outra. As duas claramente se conhecem.

Volto a olhar para a recém-chegada. Deve ter a idade de Kristin, mas é completamente diferente dela. Tem um livro ao seu lado no banco, mas no momento suas mãos estão ocupadas com um pacote de M&M’s. Ela pega um e joga na boca, enquanto seus olhos vão e voltam de mim para Kristin, como se acompanhasse uma partida do esporte mais fascinante do mundo.

“Que gracinha”, a garota diz, apontando para nós. “Se vocês dois transarem, vou ligar pra Pampers e avisar que já sei de onde vai sair seu próximo modelo de fraldas.”

“Amiga sua?”, pergunto a Kristin.

Ela suspira. “Irmã.”

Irmã?

Sem acreditar, olho mais de perto para a criatura devoradora de chocolate.

Diferente do rabo de cavalo liso e escuro de Kristin, o cabelo dela é um amontoado de cachos selvagens, meio castanho, meio dourado, talvez com um toque de ruivo.

A garota tem olhos tão grandes quanto os da irmã, só que de alguma forma parecem maiores nela, e são azuis em vez de castanhos. Também tem os lábios carnudos de Kristin, mas parecem gritantes demais nela. E, enquanto a irmã está no limite da magreza, a outra é voluptuosa.

“Eu sei, eu sei”, ela diz, com voz abatida, virando o pacote de M&M’s na mão e devorando os que restavam. “Sou a irmã bonita. Mas não diga a Kristin. Ela está cansada de ouvir isso.”

Ouçõ outro suspiro leve de Kristin. “Michael St. Claire, esta é Chloe Bellamy. Minha mãe insistiu que minha irmã viesse comigo, na esperança de que no próximo verão ela queira participar de algum tipo de atividade do clube.”

“Hum, você não me viu acabando com aquela máquina de doce?”, Chloe pergunta, lançando um olhar incrédulo à irmã. “Se mamãe me visse atrás de um lanchinho no meio da noite, teria noção de quão ativa posso ser.”

Seguro a vontade pouco familiar de sorrir, embora já tenha sacado essa garota por completo.

Sua silhueta curvilínea não é bem-vista — não em lugares como este, onde pessoas jantam talos de aipo. Mas ela é esperta e tira sarro do próprio peso antes que outros o façam.

A irritação domina o rosto de Kristin. Antes que ela abra a boca, pigarreio, esperando impedir uma briga entre irmãs. “Pronta?”, pergunto.

Depois de um último olhar de aviso à irmã, Kristin sorri para mim. “Pronta. Mas pega leve comigo... Não jogo desde nossa última aula na semana passada.”

“Você passou a semana inteira sem tentar acertar uma bola verde felpuda? Por que, meu Deus? Por quê?”, Chloe diz de forma dramática e desesperada. “Por que a vida é tão difícil?”

Kristin inspira lenta e profundamente. É algo treinado, como se já tivesse feito isso para lidar com a irmã irritante.

Não tenho irmãos, mas cresci com Ethan e Olivia, e sei que algumas vezes o melhor jeito de impedir uma briga é fingir que a outra pessoa não está ali.

Kristin passa a mão nos fios de cabelo perto da têmpora, os quais estão enrolando um pouco em meio ao calor da tarde. É gracioso. Não como os cachos da irmã, que parecem... descontrolados.

Ela vai para um lado da rede enquanto vou para o outro, ignorando o assvio de Chloe quando passo.

Pego uma bola do bolso e a arremesso com tranquilidade por cima da rede. Kristin se posiciona para devolvê-la na minha direção de forma quase perfeita.

Isso continua por alguns minutos, até que ouço um ronco falso vindo do banco na lateral.

Kristin para por um momento para olhar a irmã. Quando a bola passa batido por ela, vejo que faz uma careta.

Não é exatamente o joguinho de sedução pelo qual eu estava esperando.

Como não posso fazer a irmã irritante ir embora, concluo que a melhor atitude a tomar é incluí-la na conversa para que não fique importunando minha aluna.

“Você joga tênis, Chloe?”, pergunto enquanto pego outra bola e saco, mais forte agora.

“Pareço alguém que gosta de se exercitar?”, ela retruca, com uma voz animada.

“E quando era mais nova? Chegou a fazer aula?”

“Hum, não”, Chloe diz, com a boca cheia. Agora tem uma barra de chocolate nas mãos. “Alguns de nós preferem ler Harry Potter, como crianças normais.”

“Ignora”, Kristin diz, ríspida, mandando um forehand forte na direção da irmã.

Passa longe, mas imagino que tenha sido de propósito.

Chloe parece entender o recado, porque sossega e fica só lendo nos minutos seguintes. Quase esqueço que está aqui, mas fica impossível com seus gritos ocasionais para que eu me agache ou dê “uma volta bem lenta” para que possa ver “a parte boa”.

Esforço-me para ignorar.

Não é fácil.

O saque de Kristin está desleixado hoje, e desconfio que tem alguma coisa a ver com a presença da irmã, mas não reclamo. Assim tenho a oportunidade de tocá-la enquanto corrijo sua postura.

“Você está usando pulso demais”, digo, pegando a bola que ela acabou de jogar. “Vamos treinar isso.”

Começo a ir para o outro lado da rede. Nossos olhares se encontram no caminho, mas então ela mira algo acima do meu ombro e é dominada pela surpresa antes que um enorme sorriso tome conta de seu rosto.

“Devon!”

Congelo por uma fração de segundo, enquanto o nome se fragmenta na minha mente. É possível que haja outros Devon, claro, mas é pouco provável.

E o Devon que conheço está namorando Kristin Bellamy.

E é por isso que estou atrás dela.

Viro-me devagar, esperando para dar uma primeira olhada em um dos motivos que me trouxeram a Cedar Grove. Mas, ainda que ache que estava preparado, suas feições ainda me chocam.

O garoto é a cara de Tim Patterson.

Me dou conta de que não estava morto por dentro, como andei pensando nos últimos meses.

Observo enquanto os braços de Kristin envolvem o pescoço de Devon, e aperto os dedos na raquete.

Espero por uma pontada de ciúme.

Não sinto nada.

Este sempre foi o plano: usar Kristin para me aproximar de Devon.

E, então, usar Devon para chegar a Tim.

Deixo que tenham seu momento. Estou trabalhando no longo prazo. Não preciso apressar as coisas.

Quando vou pegar uma garrafa de água, meus olhos sem querer encontram Chloe Bellamy, a irmã bocuda e desalinhada.

Eu paro.

A garota sarcástica de alguns minutos atrás, que não estava nem aí e gritava comentários espertinhos, foi embora.

Seus olhos estão fixos no namorado da irmã, e a expressão em seu rosto me é dolorosamente familiar.

Sei bem do que se trata.

Melhor do que gostaria de admitir.

Chloe Bellamy está apaixonada pelo namorado da irmã. Tenho uma ideia bem boa da merda que vai ser para ela.

Chloe desvia os olhos dele e encara o livro, sem realmente ler. Então fecha os olhos.

Volto a olhar para o casal, que agora está se beijando. A raiva começa a crescer, misturando-se com o ciúme e fazendo uma pontada quente de ressentimento se alojar no meu peito.

Racionalmente, sei que estou olhando para Kristin e Devon, não Ethan e Olivia.

Mas dá no mesmo.

O casal perfeito que não enxerga as pessoas à sua volta.

Só que, dessa vez, não é o cara que é como um irmão para mim que está com a garota.

É meu irmão de verdade.

Meus olhos voltam a Chloe.

Talvez Kristin não seja o único meio de chegar a Devon, no fim das contas.